

Tales Faria

Jair Bolsonaro: “Seria melhor perder do que desistir”

O ex-presidente Jair Bolsonaro mandou o seguinte recado aos aliados: “Não há hipótese de Flávio [seu filho senador, Flávio Bolsonaro (PL-RJ)] desistir da candidatura a presidente da República.”

Segundo o chefe do clã Bolsonaro, “seria melhor perder as eleições do que desistir”. Mas ele também avisou que não acredita em derrota.

Bolsonaro avalia que “será superado antes das eleições” o episódio da gravação em que Flávio pediu dinheiro – e conseguiu pelo menos R\$ 134 milhões – a Daniel Vorcaro, dono do Banco Master que está preso, para supostamente produzir um filme biográfico sobre o ex-presidente.

Foi o próprio Flávio quem transmitiu o recado de seu pai aos aliados. O senador acrescentou que se sente “mais convicto de concorrer” depois de ter recebido “esse incentivo”.

A ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro está também pedindo aos seus seguidores que não façam pressões contra Flávio, para não parecer que quer “tomar o lugar” do candidato.

O que isso tudo significa?

Significa que Jair Bolsonaro não pretende entregar o seu espólio eleitoral e político a ninguém que não sejam seus filhos. Isso inclui até mesmo sua mulher, Michelle, segundo relato de aliados.

Sem desistir da candidatura, a derrota de Flávio nas eleições de outubro seria ruim, mas a hegemonia do clã na ultradireita do país poderá se manter. Essa hegemonia é que o clã considera fundamental.

O movimento do mercado financeiro após o vazamento do pedido de Flávio a Vorcaro deixou os Bolsonaro mais convencidos ainda de que a direita e a elite financeira e empresarial, chamada “Faria

Lima”, não aceita um governo de esquerda.

Os juros pagos pelo Tesouro para financiar a rolagem da dívida pública subiram rapidamente. Títulos com vencimento em 2032, por exemplo, que remuneravam IPCA + 7,63% ao ano na terça-feira, 12, fecharam em IPCA + 7,86% nesta sexta, 15.

O problema é que não há entre os aliados políticos de Bolsonaro a visão de que esta seja a melhor decisão para eles. Se Flávio for derrotado em outubro, muitas candidaturas e muitos cargos públicos no país serão perdidos. Junto, há o risco de que esses aliados não consigam se eleger mais adiante.

Então a estratégia do clã é vista como um risco à sobrevivência dos aliados.

Flávio e os demais membros da família ainda são novos e poderão disputar outras eleições, inclusive a presidencial de 2030.

Quanto ao próprio Jair Bolsonaro disputar em 2030, as esperanças são cada vez menores. Não bastassem os problemas jurídicos que resultaram de sua condenação a 27 anos e três meses de prisão por tentativa de golpe de estado, há ainda problemas políticos de falta de apoio do centrão a uma anistia total para o ex-presidente.

Além disso, há a questão da saúde precária.

Segundo o relatório semanal de saúde enviado por seus médicos, nessa sexta-feira, 14, ao Supremo Tribunal Federal (STF), Bolsonaro segue em acompanhamento domiciliar após a cirurgia realizada no ombro direito no início do mês.

O ex-presidente apresenta um quadro persistente e inalterado de instabilidade do equilíbrio corporal. Não se sabe ainda se as dores que sentia no ombro estarão definitivamente afastadas.

Fernando Molica

Bibiana, Belonísia e Samuel na pista

Ao escolherem os romances “Torto arado”, de Itamar Vieira Junior, e “A cabeça do santo”, de Socorro Acioli, para seus enredos em 2027, a Vila Isabel e a Tijuca reforçam um diálogo com a literatura brasileira contemporânea como fizeram Portela e Grande Rio em 2024 (que, respectivamente, buscaram inspiração em “Um defeito de cor” de Ana Maria Gonçalves, e “Meu destino é ser onça”, de Alberto Mussa).

Não é de hoje que escolas de samba adaptam obras de ficção — a Portela, em 1966, desfilou com “Memórias de um sargento de milícias”, do livro de Manuel Antônio de Almeida, e, em 1975, com “Macunaíma”, de Mário de Andrade. A Imperatriz, em 1972, levou para a Avenida sua leitura do poema “Martim Cererê”, de Cassiano Ricardo.

Mas ao apresentarem enredos baseados em obras de autores vivos, que continuam a escrever e lançar livros, as escolas estabelecem um diálogo ainda mais interessante, provocam o espectador, estimulam leituras e geram uma importante tensão, uma conversa entre duas formas de expressão artística bem diversas a partir das suas origens: o trabalho solitário do escritor e a elaboração coletiva de um desfile.

Adaptações de livros de ficção para o cinema e TV são muito comuns, mas, de um modo geral, tendem a seguir a estrutura concebida pelos romancistas. Já as apresentações de escolas de samba têm outra lógica narrativa, muito mais ligada ao universo das artes plásticas e da música. Como frisava Joãozinho Trinta, são uma forma de ópera, gênero que, até a chegada do cinema, era o que mais reunia diferentes formas de expressão artística.

Os desfiles, porém, são ainda mais abstratos e abertos que as óperas, estas, presas a uma partitura e a um libreto. Apenas jurados e alguns iniciados radicais — a bolha da bolha do Carnaval — assistem às escolas com o roteiro (o “Abre-Alas”) em mãos. A própria lógica do desfile impede uma tradução mais literal do texto do livro que lhe serviu de base; o que se vê no Sambódromo é uma interpretação livre do que foi escrito, uma grandiosa obra de arte que, como algumas pouquíssimas espécies vegetais, só floresce uma vez, um desfile é único e sempre particular — literalmente, ninguém pode vê-lo da mesma forma.

A adoção desses livros também serve de um baita estímulo para a literatura brasileira contemporânea. “Torto arado” e “A cabeça do santo” são dois ótimos exemplos de produção brasileira atual e de qualidade que conseguiram romper o círculo dos iniciados e conquistaram público bem mais amplo (o livro de Itamar ultrapassou a casa do milhão de exemplares vendidos).

Falar deles é também frisar a importância das outras histórias aqui concebidas e narradas, romances, contos, crônicas e poemas que tratam de nossas vidas, propõem novas formas de encarar nossos perrengues, esperanças, desilusões, amores, esquisitices, indicam as infinitas possibilidades de fé e de convivência com nossas diferenças, ressaltam o idioma que herdamos e reinventamos a cada dia.

Ao levar Bibiana, Belonísia, Samuel, Mariinha e Rosário para o Sambódromo, Vila e Tijuca nos jogam também na pista e nos carros alegóricos, fazem com que sejamos protagonistas; leem e reescrevem histórias que, assim, nunca terminam.

EDITORIAL

Saúde na África precisa ser uma prioridade

O novo surto de ebola na República Democrática do Congo volta a colocar a África e o mundo diante de uma ameaça que já demonstrou seu potencial devastador. Embora os avanços científicos e sanitários tenham reduzido a mortalidade em comparação às epidemias anteriores, a rápida circulação de pessoas entre fronteiras, a fragilidade dos sistemas de saúde e a desinformação continuam sendo fatores de alto risco. Nesse contexto, a atuação da Organização Mundial da Saúde precisa ser firme, coordenada e preventiva para impedir que o vírus ultrapasse as fronteiras congoleesas e se transforme novamente em uma emergência continental.

A primeira medida indispensável é fortalecer imediatamente a vigilância epidemiológica nos países vizinhos. Uganda, Ruanda, Sudão do Sul e Burundi possuem intenso fluxo migratório com a República Democrática do Congo, seja por razões comerciais, familiares ou humanitárias. A OMS deve ampliar o envio de equipes técnicas, laboratórios móveis e recursos financeiros para monitorar casos suspeitos em regiões de fronteira. Não basta agir apenas onde o vírus já está presente; é preciso antecipar os riscos antes que o contágio se espalhe.

Outro ponto fundamental é garantir a rápida distribuição de vacinas e equipamentos de proteção individual. O ebola é altamente letal, e profissionais de saúde costumam ser as primeiras vítimas quando faltam treinamento e condições adequadas de trabalho. A OMS precisa coordenar estoques internacionais e evitar desigualdades no acesso aos

insumos, especialmente em países africanos mais pobres, onde hospitais enfrentam carências históricas. Uma resposta lenta ou burocrática pode custar milhares de vidas.

Além da dimensão médica, há um desafio social igualmente importante: combater a desinformação. Em surtos anteriores, rumores e teorias conspiratórias dificultaram campanhas de vacinação e levaram comunidades a esconder doentes. A OMS deve trabalhar em parceria com lideranças locais, rádios comunitárias e organizações civis para transmitir informações claras e culturalmente adaptadas. Sem confiança da população, qualquer estratégia sanitária perde eficácia.

Também é essencial que a comunidade internacional compreenda que o combate ao ebola não é apenas um problema africano. Em um mundo globalizado, epidemias ultrapassam fronteiras em poucas horas. Investir na contenção do vírus na África Central significa proteger a saúde global. Por isso, a OMS necessita de apoio político e financeiro contínuo das grandes potências, sem depender apenas de ações emergenciais quando a crise já saiu do controle.

O histórico recente mostra que negligenciar surtos em países vulneráveis pode gerar consequências humanitárias e econômicas profundas. A OMS tem experiência acumulada para evitar uma nova tragédia, mas precisa agir com rapidez, transparência e cooperação internacional. Mais do que conter um vírus, trata-se de impedir que a falta de prevenção transforme uma ameaça regional em uma catástrofe global.

Opinião do leitor

IA e urnas eletrônicas

Os dois principais desafios do Ministro Nunes Marques, do Tribunal Superior Eleitoral. Quanto ao primeiro é importante, pois a sua utilização permite a falsificação de aparências e vozes de pessoas. No tocante ao segundo concordo que elas são confiáveis e auditáveis, mas com a implementação do voto impresso serão mais ainda.

Luiz Felipe Schittini
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sâ e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.